



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFLEXÕES ACERCA DO USO DE PLANTAS ALUCINÓGENAS NO ESPAÇO DO EJA: POTENCIALIZAR SUJEITOS DESCONSTRUINDO UM TABU

Elizama Leal de Melo Lima (1); Camilla de Melo Silva (2); Mayrla de Sousa Coutinho
(3) Cristina Ruan Ferreira de Araújo (4)

- (1) *Graduanda de Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande e bolsista do PET Conexões de Saberes Fitoterapia; e.lizama.melo@hotmail.com.*
- (2) *Graduanda de Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande e bolsista do PET Conexões de Saberes Fitoterapia; camillameloslv@gmail.com.*
- (3) *Enfermeira, Aluna do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Saúde Pública da Universidade Estadual da Paraíba e colaboradora do PET Conexões de Saberes Fitoterapia; mayrlacoutinhomsp@gmail.com.*
- (4) *Professora Dr^a Adjunto III dos Cursos de Medicina e Enfermagem e tutora do PET Conexões de Saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande, profcristinaruan@gmail.com*

INTRODUÇÃO

A educação de jovens e adultos - EJA - é um desafio até os dias atuais tendo em vista que, frequentemente, a única preocupação dos educadores responsáveis por esses alunos se dá no campo da educação tradicional e normatizadora da alfabetização, onde não se busca promover um pensamento crítico acerca de temas importantes do cotidiano. Uma saída possível para esse problema seria adotar os preceitos de Escola Promotora de Saúde, estabelecendo caminhos pertinentes e parcerias plausíveis na direção da Educação em Saúde (MOREIRA, *et al.*, 2006).

De acordo com Faria (2013) e Oliveira (1999) os alunos do EJA são geralmente de classe socioeconômica baixa e não têm acesso a informações importantes sobre



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

temas emergentes na modernidade, resultando em uma condição de vulnerabilidade, estando assim à margem, mais susceptíveis ao uso de álcool e outras drogas.

A desvalorização da educação no cenário brasileiro incorre em um sucateamento ainda maior quando se trata da Educação de Jovens e Adultos, como se esses sujeitos não tivessem perspectiva de vida para além do lugar comum e assim não houvesse a necessidade de politizá-los. E, de fato, essa visão de futuro e progresso em muitos casos não existe, tornando ainda mais importante o papel do professor nesse processo de construção. Evitando, assim, a educação bancária e desconstruindo o estigma da escola enquanto ambiente para sujeitos que apenas absorvem o que está sendo dito pelo professor (FREIRE, 1974).

O público-alvo da EJA requer uma forma diferenciada de educação, onde se convoca o sujeito a pensar, exercer sua autonomia e formar opinião a partir de informações corretas, claras e bem discutidas (BORGES, 2009).

Um tema pouco discutido no espaço da EJA e que se apresenta ainda como um tabu é o consumo de substâncias com propriedades alucinógenas. Não existem políticas públicas que assegurem e justifiquem essa discussão, provocando, assim, grande resistência da escola em se falar abertamente sobre o assunto de forma clara, sem radicalismos e respeitando as vivências dos alunos, apontando possibilidades para além do estigma que se tem das drogas e das próprias plantas alucinógenas (PEREIRA, 2007).

A natureza dispõe de uma grande diversidade de plantas com potenciais efeitos alucinógenos que são frequentemente, consumidas com fins recreativos por pessoas em situação de vulnerabilidade. Acredita-se que as informações que os jovens têm sobre essas plantas não são suficientes para conscientizá-los acerca do perigo do uso indiscriminado das mesmas e, assim, são carentes de artifícios que possibilitem tomadas de atitudes críticas e conscientes.



Desse modo, o objetivo do trabalho ora em apreciação é refletir acerca da importância da discussão sobre plantas alucinógenas no ambiente da EJA, promovendo um debate livre de estigmas e potencializando os sujeitos, bem como procurar desconstruir o tabu do tema das drogas no cotidiano escolar.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência decorrente de uma atividade de extensão intitulada “O estudo da Fitoterapia com alunos do programa de Educação de Jovens e Adultos” proposta pelo Programa de Educação Tutorial PET Conexões de Saberes Fitoterapia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande. A atividade extensionista foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nenzinha Cunha Lima, durante quatro encontros de oficina, dinâmicas e debates, onde foram discutidos diversos assuntos relacionados à Fitoterapia, dentre eles, as plantas alucinógenas, atendendo a demanda dos alunos que demonstraram interesse em discutir essa temática.

Uma vez aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Alcides Carneiro, de Campina Grande PB com o parecer de número: 44592615.0.0000.5182, a extensão realizou-se dentro das normas e diretrizes vigentes na Resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os participantes assinaram o Termo Consentimento Livre e Esclarecido e foram esclarecidos em linguagem simples os objetivos do projeto, e a aceitação em participar do estudo ocorreu de forma voluntária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização da atividade de extensão que deu origem ao presente relato de experiência, ficou evidente o interesse e grande curiosidade dos alunos acerca das



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

plantas alucinógenas e a vontade de saber mais sobre o tema, mesmo que de forma discreta, justificada pelo fato de o tema das drogas serem pouco discutidos no contexto escolar, ainda que este fizesse parte da realidade de alguns dos participantes fosse pelo uso, fosse por estarem inseridos em contextos próximos de tal realidade.

A maior parte das informações a respeito das substâncias alucinógenas são adquiridas na rua ou até mesmo na escola através de conversas com colegas e amigos – informações essas que não ultrapassam os muros invisíveis das rodas de amizade – principalmente por não haver a disponibilidade/disposição da escola para promover debates acessíveis a esses alunos.

A escola torna-se um espaço propício para se discutir sobre as plantas alucinógenas na medida em que ocupa um lugar de saber, mas exime-se dessa responsabilidade por encarar o tema enquanto um tabu que deve ser mantido distante do ambiente escolar. Essa (des)responsabilização da escola – seja por falta de capacitação dos professores, seja por insegurança para falar sobre o assunto – faz emergir um alerta importante para esta questão na medida em que o tema das drogas é presente na vida dos jovens geralmente da pior maneira possível, sob a face do uso indiscriminado/irracional e da falta de informação (FERREIRA, et al, 2010).

Acredita-se que quando não se fala com os professores sobre essas plantas, fica ainda mais difícil falar em casa (e vice-versa). Por isso os alunos mostravam-se acanhados, envergonhados e desconfortáveis ao falar durante a atividade; como se aquela curiosidade de saber mais sobre as plantas alucinógenas fosse algo errado e/ou uma conduta indevida por parte deles.

Um fator de extrema importância é a experiência de vida que perpassa a trajetória desses alunos e que pode ser utilizada como mola propulsora para a educação crítica tal como nos propõe Paulo Freire (1999). As vivências intrínsecas ao cotidiano quando trazidas para os debates em sala de aula, permitem uma aprendizagem muito



mais eficaz e heterogênea considerando a singularidade do sujeito, democratizando o processo de educação e aprendizagem (BORGES, 2009).

CONCLUSÕES

É a partir do conhecimento que o sujeito torna-se capaz de realizar escolhas conscientes, tais como o não uso de substâncias com potencial alucinógeno. Portanto, quando a discussão sobre o tema é facilitada pela escola, evitando estigmas e preconceitos, os alunos podem desenvolver um posicionamento crítico para/na vida (e diante de suas escolhas), além de discutir, no ambiente escolar, o que muitas vezes vivenciam e/ou vêem na rua de maneira inadequada desembocando, muitas vezes, em realidades marginalizadas que podem ser evitadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, L. P. C. Reflexões necessárias sobre a educação de jovens e adultos: perspectivas, desafios e possibilidades. Espaço do currículo, v.2, n.1, p.137-155, 2009.

FARIA, R. S. Evasão e permanência na EJA: Por um trabalho de qualidade na gestão de uma escola na rede municipal de Belo Horizonte. Juiz de Fora, 2013.

FERREIRA, T. C. D. *et al.* Percepções e atitudes de professores de escolas públicas e privadas perante o tema das drogas. Interface – comunicação, saúde e educação, v.14, n.34, p.551-62, 2010.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 29ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra; 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MOREIRA, F. G. *et al.* Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. *Ciência e saúde coletiva*, v.11, n.13, 2006.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. XXII Reunião anual da ANPEd, 1999.

PEREIRA, D. F. F. Educação de jovens e adultos e educação popular: Um olhar histórico sobre políticas públicas ou ausência delas. *EccoS – Revista científica*, v.9, n.1, p.53-74, 2007.